

Fernando Távora: um homem de paixões, 1923-2005

José Bernardo Távora*

Palavras-chave

Fernando Távora, José Bernardo Távora, Fernando Pessoa, Arquitectura, Arquivo, Colecção.

Resumo

Este contributo é um testemunho pessoal sobre a vida e a obra de Fernando Távora, pelo seu filho. Nele apresentam-se pensamentos e recordações registadas ao longo de uma vida de experiências partilhadas, bem como uma reflexão sobre a arquitectura de Fernando Távora e as suas várias colecções de arte e literatura.

Keywords

Fernando Távora, José Bernardo Távora, Fernando Pessoa, Architecture, Archive, Collection.

Abstract

This contribution is a personal testimonial on the life and works of Fernando Távora, by his son. It presents thoughts and memories that were collected through a lifetime of shared experiences, as well as a reflection on Fernando Távora's architecture and several art and literature collections.

* Arquitecto.

...Colecciono tudo. Sobretudo livros de arquitectura e poesia, sempre à volta do Pessoa. Interesse-me muito pela arquitectura antiga e mais ainda pela arquitectura grega. O meu D. Sebastião da arquitectura é a arquitectura grega. São os deuses que me acompanham lá por cima. Possuo uma grande colecção de estatuária portuguesa. Compro muitas coisas. Tenho uma colecção de livros clássicos de arquitectura. Portugueses e franceses. Há muitas coisas do passado que eu ainda teria de comprar e muitas coisas do futuro que gostaria de ter...

...Apesar de tudo tenho tido uma vida boa. O meu problema é que devo estar para morrer.

Fernando Távora, Entrevista ao semanário *Expresso*,
Novembro 2002

Depois da doença de meu Pai em 2004 e da sua partida em 2005, pediram-me, sugeriram-me várias pessoas, por várias vezes, muito particularmente minha Mãe, que sobre ele escrevesse.

Como meu Pai, meu Professor, meu Sócio, como Arquitecto, como Coleccionador, como Homem que amava a Vida.

Resisti sempre.

Nunca o consegui fazer.

Faltou-me sempre a coragem, também pelas muitas e maravilhosas recordações que dele tenho.

Não escrevi nunca, uma linha que fosse.

Mas fui acumulando pensamentos e recordações, de muitos anos de vida pessoal, familiar e sobretudo da vida profissional, dos muitos anos e momentos que juntos passamos.

E, mentalmente, este e outros textos estavam feitos.

Pedem-me agora, este grupo de Amigos, a quem abri a Casa e as suas colecções, que escreva.

Pela paixão, pela dedicação, quantas vezes pela emoção com que estudaram a biblioteca de meu Pai, não poderia deixar de o fazer.

Na sua família conservadora, não foi fácil a escolha que desde cedo fez pelo mundo das artes.

O seu período de formação foi intenso e doloroso, creio.

As descobertas de Le Corbusier, Picasso e Fernando Pessoa marcaram o seu destino, a sua vida.

As leituras, a escrita, as reflexões, as viagens, as colecções, a História ganham durante este período da sua vida uma maior solidez, com a publicação de *O Problema da Casa Portuguesa*, em 1947, *Da Organização do Espaço*, em 1960, e culminando na sua participação no *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, publicado em 1961.

E o desenho, sempre o desenho.

Mas foi, sobretudo, com a descoberta da sua vida, a obra de Fernando Pessoa e o seu estudo, que desde muito novo todo o seu pensamento ganhou forma, se tornou cada vez mais sólido.

Coleccionava tudo, tudo aquilo que os outros ainda não colecionavam.

Comprava barato enquanto podia, comprava o essencial, deixava de comprar quando os preços subiam.

E rapidamente se dedicava a um novo tema.

Foi assim com selos e moedas, com marfins indo-portugueses, com pintura ou escultura moderna e antiga, com mobiliário, com postais antigos ou com arte popular. Foi assim, sobretudo, com as suas bibliotecas, que foram sempre crescendo e fechando temas em aberto.

A sua obra de Arquitectura é de uma dedicação, de um empenho, de uma paixão e de uma força verdadeiramente impressionantes.

É nos seus primeiros projectos que define claramente as bases para o seu futuro, com a leveza e a diversidade na unidade dos vários espaços com diferentes funções e seus volumes, o atrevimento da estrutura então levada até aos limites, o domínio claro de todas as proporções e escalas, e a relação dos espaços com a sua envolvente e com a paisagem, em edifícios e espaços públicos, hoje cada vez mais belos.

Por fim, a escolha clara e criteriosa dos materiais de acabamento, e do seu desenho de pormenor.

E a importância da cor.

A boa Arquitectura é também, e sobretudo, a que resiste ao tempo e às modas.

É assim com muitas das suas obras.

Durante todo este tempo, apaixonadamente dedicou-se também ao Ensino da Arquitectura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

E, sempre que podia, ao fim da tarde e ao fim-de-semana corria todos os Antiquários e Alfarrabistas, porque lhe faltava sempre qualquer coisa nas suas colecções.

Lia muito, à noite, todas as noites, escrevia nos pequenos papéis que tinha à mão as suas pequenas notas que estão em todos os seus livros e objectos, desenhava também os seus projectos, e, coisa mais espantosa, descansava, adormecia por uns minutos, acordava e continuava a ler, a escrever, a desenhar, descobrindo sempre novas relações entre os livros e os seus autores, os seus desenhos e os projectos que entretanto ia desenvolvendo.

Por isso, encontramos recentemente, na terrível e dolorosa tarefa de desmontar as suas casas da Foz do Douro e de Guimarães, em qualquer gaveta ou armário, em qualquer espaço que sobrasse nas casas, livros, textos, marfins, objectos e fotografias antigas, que muito nos ajudam a perceber a sua capacidade

de trabalho, a redescobrir todas as suas paixões, em muitos temas, em muitos assuntos, por vezes tão diversos, simultaneamente.

Estranhamente não ouvia música, não ia ao cinema, não fazia fotografias.

Fernando Távora foi sempre um Homem muito à frente do seu tempo.

Tinha horror à incompetência, à estupidez, à falta de educação, à mediocridade.

Mas não o dizia, ou raramente o dizia.

Esquecia-se lendo, escrevendo, desenhando.

Quando era criticado (aconteceu em muitas das suas obras), e eu lhe perguntava porque não reagia, tranquilamente dizia-me, não te preocupes, o tempo traz sempre a verdade...

No fundo, foi um homem feliz, muito feliz, estou hoje seguro disso.

Todo o seu espólio está desde 2012 em depósito na Fundação Marques da Silva na Cidade do Porto, a que acrescentamos recentemente a sua biblioteca de literatura, não a dispersando por temas e por diferentes entidades, mais ou menos especializadas.

Era esse o seu desejo, a criação do Arquivo e Biblioteca Fernando Távora.

Numa das suas últimas entrevistas disse:

Viver é uma coisa que não tem preço...

Não tem preço...

Eu vou deixar uma coisa espantosa, eu acho para mim espantosa...

Eu vou deixar isto tudo aqui...

Tudo isto que vê aqui...

Estas árvores, estas pinturas, estas amizades, o pedreiro, o carpinteiro, sei lá...

O que eu deixo de gente, de relações, de amizades, de quadros, de textos, de, de, de...

Da obra que eu fiz.

Disse-o em depoimento para a RTP, em 2001 (*Homenagem a Fernando Távora, Homem de Paixões, de Convicções, de Ideais*).

Porto, Dezembro de 2017